

SABADO - Nº 33  
27 DE JUNHO DE 1998

# DNa

ENTREVISTA: ANTONIO PEREZ METELO ■ REPORTAGEM: OPERAÇÃO MÃOS LIMPAS ■ LIVROS: CESAR PIVESI

# Está a dar

CHEGOU FINALMENTE O VERÃO. E A MODA DITA ORDENS RIGOROSAS: AS TATUAGENS DEIXAM DE SER DISCRETAMENTE COLOCADAS PARA GANHAREM EXPRESSÃO EM TODO O CORPO. UMA NOVA FÓRMULA PERMITE TATUAR PELA MANHÃ... E LIMPAR À NOITE. EIS A NOSSA FORMA DE SAUDAR O TEMPO EM QUE O CORPO É QUEM MAIS ORDENA

# ANTÓNIO Perez Metelo

O homem que melhor traduz o eco-  
nomês em português gostava de vi-  
ver daqui a cinco mil anos, para  
conseguir entender as grandes for-  
ças que impulsionam a humanida-  
de. O editor de economia da SIC fa-  
lou ao DNA do orgulho de um tra-  
balho bem feito em Portugal, ainda  
antes da maré de auto-estima que  
invadiu o país com a Expo. Trata por-  
tu os desafios do Euro, e coloca os  
verbos como se o desenrolar da sua  
história fosse um delicioso episódio  
que merece ser bem contado

galhar numa gargalhada bem puxada pelo seu impe-  
nitente sentido de humor. Conhecer-lhe o passado po-  
lítico intenso ajuda a compreender por que encara o  
dinheiro como uma linda metáfora. Da esquerda ra-  
dical aos dias de hoje, são as pessoas que mais lhe  
orientam a paixão da tradução de coisas complicadas  
em imagens correntes. Traduz sempre os inglesismos  
que infestam o paleio económico e acredita que me-  
xe com os sonhos do mundo quando lê as entrelinhas  
das taxas de juro. É jornalista por opção e economis-  
ta por prazer.

#### A Economia não é realmente uma chatice?

Não é, não é! Depende do que estamos a falar. Pa-  
ra mim a Economia é fascinante, porque não são nú-  
meros, percentagens, coisas abstractas. São relações.  
O difícil é porventura tornar isso claro às pessoas. Por-

*«Procuro a exigência e rigor. Porque não se pode brincar com o dinheiro das pessoas. Aqui o dinheiro é uma metáfora para os sonhos, as esperanças, os anseios das pessoas»*

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CARMO  
FOTOGRAFIAS DE MARCELO BUAINAIN

António Perez Metelo é o exemplo lapidar da mistu-  
ra do rigor germânico com a joie de vivre latina. Ges-  
ticula largamente enquanto fala, ri-se no meio das fra-  
ses, antes e depois dos olhos. A voz é grave e modu-  
lada quando trata de assuntos sérios, para se escan-

# ANTÓNIO Perez Metelo

que exige alguma formação.  
**É uma Ciência?**

- É também uma Ciência. Na Física, as últimas descobertas dizem-nos que vivemos num mundo de incerteza, de probabilidades... Portanto, se a Natureza está feita assim, porque é que uma construção que é humana haveria de ser mais previsível? Nós queremos prever tudo para poder controlar o futuro, para vencer as nossas inseguranças. Mas isso não é possível. E, a mim, não me tira o interesse, antes pelo contrário. O que me fez enveredar por este campo - eu descobri a certa altura da minha vida, tendo feito um falso caminho - foi perceber que as coisas não podiam ser só modelos econométricos, parâmetros, não podia ser só a matemática aplicada a isto.

**Descobriu isso sozinho ou foi a Escola que ensinou?**

- Não, tive de descobrir à minha custa.

**Quanto ao seu falso caminho, gostava de perceber como é que um futuro engenheiro electrotécnico vem a transformar-se num economista.**

- Quando saí da Escola Alemã, onde estive desde o Jardim Infantil até ao fim do liceu, não tinha uma vocação definida. E os professores disseram aos meus pais o pior que lhes poderiam dizer: ele serve para tudo. Servir para tudo é o mesmo que não servir para nada. A única coisa de que eu então sabia que gostava era de fazer teatro, mas fui para uma coisa que era absolutamente alheia. Fui para Stuttgart com uma bolsa, mas logo me apercebi que aquilo não tinha nada, mesmo nada a ver comigo. Bom, regresssei a Portugal e desisti da bolsa.

**Decisão radical... E por que se decidiu pela Economia?**

- Não dava a bota com a perdigota, percebe? A economia pareceu-me uma coisa com uma base sólida, já sedimenta um conhecimento, e as implicações sociais de tudo isso... era o ponto de encontro.

**Esclareça-me a grafia do seu nome, que vejo escrito de várias maneiras e já, agora gostava de o escrever bem. ...**

- Perez é com Z, vem da mãe que se chamava Angela Maria Perez Rey. Era espanhola, faleceu quando eu nasci, de parto - e o Metelo é com um l. Isto levava imediatamente à reflexão de que há factos que são verdadeiras encruzilhadas na vida... se a minha mãe não tem falecido de parto, eu hoje era um jovem espanhol, teria crescido em Madrid, com a imensa família que lá tenho, o meu pai já estava a pensar em mudar de vida...

**O que faziam os seus pais?**

- A minha mãe era uma alta funcionária dos correios em Espanha, e o meu pai era tesoureiro numa companhia de petróleos durante o dia, e era maestro na revista do Parque Mayer, à noite.

**Daí o seu gosto do teatro...**

- Não só daí, mas também. Fui criado pela minha avó materna, que era a única que tinha. A minha língua materna foi o espanhol, depois vim aos 5 anos, comecei por falar portinhol, depois português, depois fui atirado para dentro da Escola Alemã.

**Começou logo a sua vida no seio da instabilidade linguística. E quando foi para Economia era o jornalismo que queria? Conta-se uma história, a respeito do início da sua carreira: alguém lhe terá perguntado se queria ser o Sarsfield Cabral da RTP2...**

- Não foi bem assim. Essa história é verdadeira, mas, bom, eu tive um curso muito atribulado. Já estava no 3º ano quando fui preso pela Pide, em 1973, por mais de um ano. Na madrugada de 27 de Abril de 74, fui tirado da prisão, de Peniche, pelas gloriosas

Forças Armadas.

**Afinal, a si é que interessa perguntar onde estava no 25 Abril! Que memórias tem?**

- Tenho imensas, mas isso enchia três DNA's... O que me marcou mais foi, pouco tempo depois de lá estar, perceber que também tinham prendido a minha mulher. Era recém-casado. E, estava incomunicável. Quando olho para o pátio vejo os pais da Ana, no meio das visitas, e percebo que ela também foi arrebanhada, entre tantos daquele 1º de Maio de 1973. Lembro-me dos interrogatórios. Depois há mil e uma histórias de ações que empreendemos em Caxias. De como conseguimos evitar que um camarada nosso que tinha sido arduamente isolado, voltasse a ser interrogado e torturado, através de uma greve da fome e barricadas dentro das celas.

**Foi preso porquê?**

- Porque atentava terrivelmente contra a segurança do estado, ajudando a divulgar informação sobre a Guerra Colonial nas Universidades.

**Ligado a algum partido?**

- Não era um partido, era uma pequena organização de tipo maoísta ainda sem nome próprio, mas tinha essa publicação que, num raid policial, resultou nisto.

**A sua postura discreta não denuncia nada esse passado de verdadeiro activista... Voltando ao seu curso de Economia, ele foi no mínimo atribulado.**

- Atribuladíssimo. Repare que eu não defendo hoje as ideias que defendia na altura. No primeiro ano de 69/70, rebentaram processos pedagógicos em todos os anos. Eu tive a ousadia, enquanto caloiro, de dar cursos livres aos meus colegas, e a partir daí nunca mais endireitou o curso. Depois houve entradas da polícia, o Ribeiro Santos foi assassinado por um tipo da Pide com um gatilho rápido e fácil, dentro do anfiteatro de Económicas... com grandes convulsões no movimento estudantil a discutir a reforma Veiga Simão, etc. Foi sempre um curso em crise. Depois de sair do isolamento, fiz em Outubro desse ano algumas cadeiras, e aí, estávamos na revolução. Ainda trabalhei numa empresa, daquelas que estavam autogeridas, completamente falidas e, em fins de 77, participei num concurso para um serviço de informação independente para o canal dois da RTP.

**Porque até aí, a RTP2 repetia em diferido a informação da 1. Era a célebre informação alternativa...**

- Exacto. Foi aí que vi o grande espectro de formação geral que a escola me tinha dado, porque fiz aqueles testes americanos com a maior das calmas...

**Ficou muito bem classificado, de resto, segundo rezam os dossiers. Entre os 12 primeiros num universo de 700.**

- Eram 400, e mais tarde disseram-me amigavelmente, na secretaria, que tinha ficado em 2º lugar. Nunca soube quem tinha sido o primeiro.

Sou um homem de esquerda, e ser de esquerda é isto: perceber que nem todos conseguem ir a este passo. E que as pessoas não são descartáveis.

**Mas esse concurso foi anulado, não foi?**

- Pois foi! Não soube porquê durante muito tempo. Só muito mais tarde é que soube que tinha havido candidaturas maciças da UEC...

**Uma infiltração comunista!**

- Isto em 1977, depois do 25 de Novembro, está a ver! E eles decidiram anular. Fiquei frustradíssimo. Só que as provas ficaram lá. O Hermâni Santos, que seria o chefe de redacção da Informação 2, vai ver aquelas pastas, e surge a ideia de fazer uma equipa mista, já com veteranos e com alguns caloiros. Fizemos um curso de seis semanas a mata-cavalos, já no verão de 1978.

**Para começar naquela data que é, pelos vistos, uma data talismã na sua vida: o 6 de Outubro. O arranque em 78, e depois, a SIC. Diz-se que não existem coincidências...**

- Pois. Aí é que sou chamado, e na entrevista, a primeira pergunta que ele me faz é "acha que é capaz de ser o Sarsfield Cabral do Canal 2", e eu, que nunca tinha feito televisão na vida, respondi com a maior das latas, que sim! Mas como me tinha sentido bem ao longo das provas, não tinha dúvidas nenhuma de que seria seleccionado, porque quem se sentia tão bem, não poderia senão estar bem.

**Depois estreia-se no «A Par e Passo» do Joaquim Letria, faz um conjunto de filmes sobre os anos 70, com uma equipa de luxo, em 82 passa um ano pelo Expresso, e volta à RTP, para fazer... o Teletexto?!**

- Fui para a prateleira. Fazia uma coisa extremamente complexa que era meter em quadradinhos os títulos dos matutinos. Infelizmente, na televisão, a nossa vida profissional às vezes está ao sabor dos ciclos eleitorais. Quando voltei não era propriamente um principiante, mas a direcção da altura não tinha nada para eu fazer. Nem, aliás, para o João Grego Esteves, actual director de informação, meu dilecto colega nessa tarefa. E acho que conseguimos um record fantástico que foi fazer o trabalho de um dia em 16 minutos.

**Foi insupportável?**

- Insupportável. As pessoas não imaginam... julgam que não se trabalha, pronto, vai-se para a paródia. Mas em termos de auto-estima, uma pessoa sentir-se posta de lado e sentir que as suas capacidades não estão, não querem ser aproveitadas... Não fazem ideia do que é ganhar um ordenado com a consciência de que não se fez nada por ele. Suponho que é difícil avaliar o que é o desgaste psíquico de uma situação dessas. **Mas não durou muito tempo.**

- Não, porque felizmente o Balsinha, quando fez a remodelação da casa, me chamou imediatamente para o Telejornal. Só mais tarde me senti à vontade como comentarista, e depois aventurei-me naqueles magazines de economia.

**Era, é, muito ambicioso, por feito?**

- Não, sou é muito exigente. Comigo, e com todos aqueles que trabalham comigo, porque aquilo que mais me marcou na minha formação, e sobretudo na escola alemã, foi o gosto por um trabalho bem feito. A noção de que se fez aquilo que está ao nosso alcance fazer, é um elemento essencial para as pessoas se sentirem felizes na vida.

**Entretanto, são já muitos os nomes de programas que fez. Conta Corrente, Acerto de Contas, Contas Claras, Economia Dia a Dia, na TSF o Euroforum, que começou no mês passado, na TSF, onde está há 9 anos. Com uma passagem pela política, quando Jorge Sampaio esteve à frente da Câmara de Lisboa. Já passou pela rádio, imprensa e televisão. Do que é que gosta mais?**

- Eu gosto do audiovisual. Aprende-se com tudo e começa-se sempre do princípio. Mas, modestia à parte, acho que não tenho má voz, e o processo de amadurecimento é perceber o que nós temos e fazemos de melhor. E a SIC foi o entusiasmo de começar uma coisa nova de raiz.

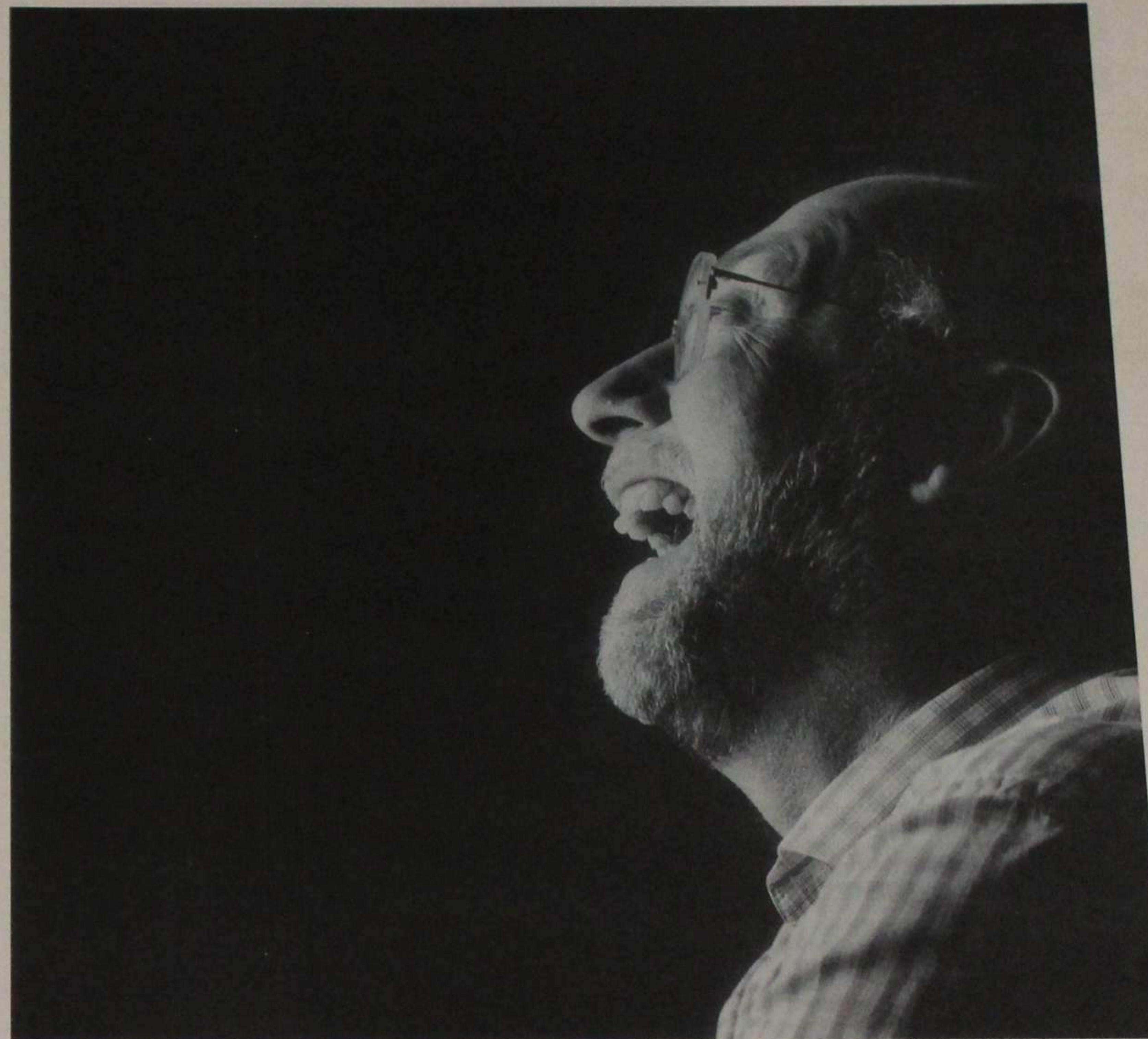
**As pessoas escrevem-lhe, perguntam-lhe o que hão de fazer ao dinheiro?**

- Muito. É uma grande responsabilidade.

**Responde?**

- Não, nunca respondo especificamente. Mas en caminho, dou várias pistas, para profissionais que podem dar orientações precisas, dentro da infinidade de produtos e campos existentes.

**Mas dá-se ao trabalho de dar essa indicações?**



- Dou, dou, porque tenho muito respeito pelo dinheiro das pessoas. Para mim é fundamental, por exemplo, ensinar a minha filha e a miudagem que ajudei a criar, a lidar com o dinheiro. Ensinar-lhes o que é o prazer do consumo e o do consumo diferido. Da poupança, para poder acumular, e futuramente poder comprar outra coisa que sem esse esforço, essa negação do prazer imediato, não seria possível. Isto forma o carácter e, para concluir, tomo muito a sério as poupanças das pessoas. Por isso procuro a tal exigência e rigor. Porque não se pode brincar com o dinheiro das pessoas. Aqui o dinheiro é uma metáfora para os sonhos, as esperanças, os anseios das pessoas.

**Tem pouco a ver com a ideia comum de que o dinheiro é uma coisa suja, moralmente imprópria, e não será por acaso que se lhe chama o vil metal...**

- Ele é vil porque falta a muita gente, percebe? Porque para muitas pessoas não há escolha. Mas para mim o dinheiro tem outro valor. É uma hipótese para fazer coisas. E justamente, quando me perguntam "o que é que eu faço" não se pode dar uma resposta de ânimo leve, percebe?

**O António abraçou a divulgação da economia como**

**missão. Traduzir o economês em português, não é evidente. Qual é o seu segredo?**

- E ter descoberto uma verdade de La Palisse: que do outro lado daquela máquina estão centenas de milhar, para não dizer milhões. E não pressupor que esses milhões têm obrigação de perceber, ou que têm a formação que nós tivemos. Se a mensagem não chega a culpa é do emissor, que não se faz entender.

**Testa as suas maneiras de explicar com alguém?**

- Sim, muitas vezes com colegas que não têm particular apetência pela economia. Mas o problema da divulgação, também, não podemos trair o sentido essencial do que estamos a dizer. Eu cada vez mais, no estrangeiro, quando preencho aqueles papéis com a profissão, me apetece escrever tradutor. De uma linguagem para outra.

**Entretanto está em posição privilegiada para comentar o jornalismo que temos. Os nºs mostram que nos últimos tempos as publicações com mais êxito comercial são justamente as de carácter económico. O que parece extraordinário, num país que não lê.**

- Não é. É o velho problema de nos deixarmos fascinar pelas percentagens. Está bem, cresceram, mas

partiram de uma base muito pequenina, não é verdade? Se partir de uma base de 5 mil leitores, e no ano seguinte tiver 10 mil, significa que cresceu 100%, que é uma coisa absolutamente fascinante. Mas são 10 mil, percebe? E há uma razão para isso. Nós demos passos de gigante na diversificação do tecido económico, das actividades económicas, das aplicações de poupanças, portanto há cada vez mais pessoas para quem saber o que se passa na economia é essencial para a sua vida, material, concreta, não é um luxo, um penacho.

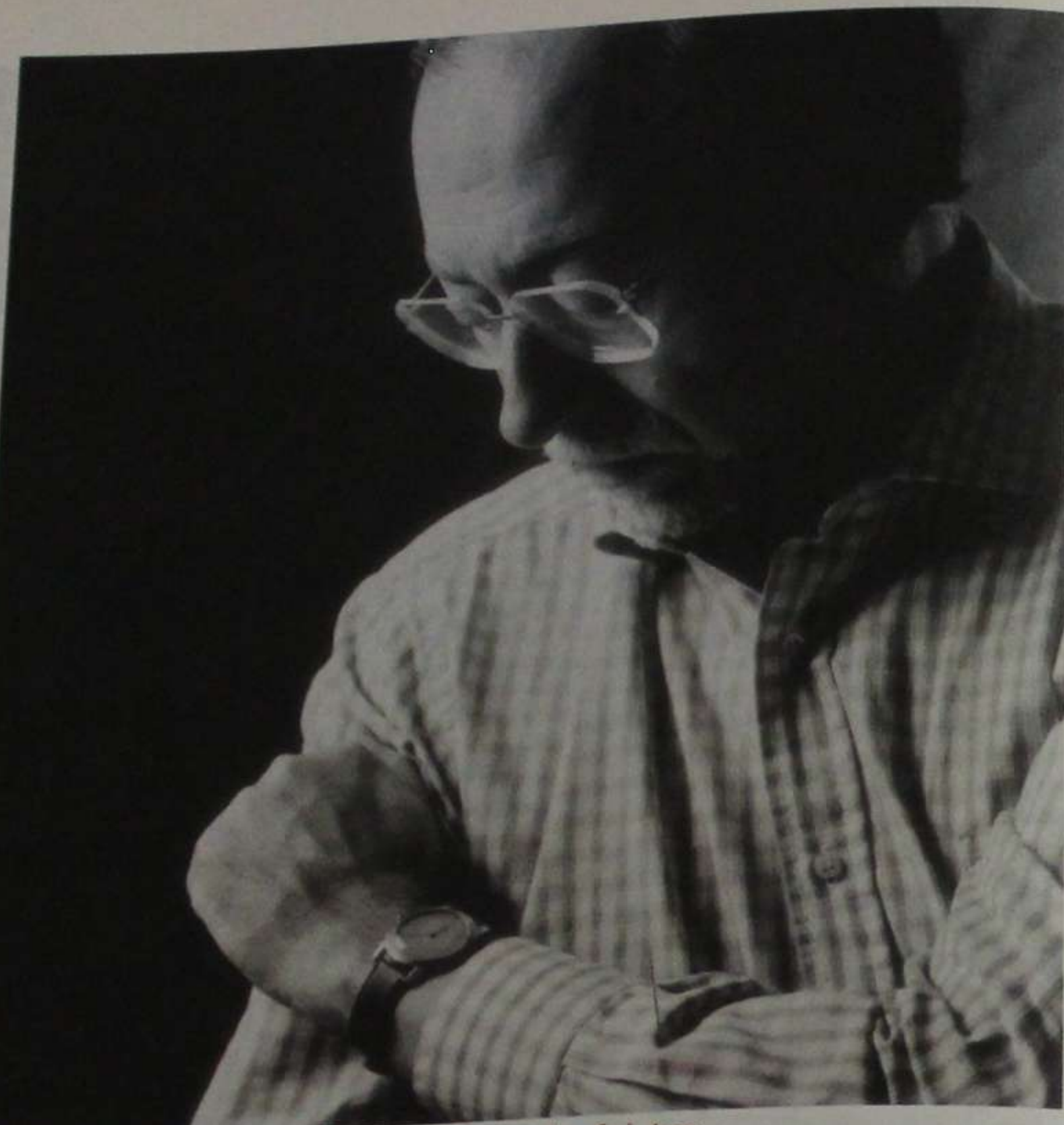
**Mas, voltando atrás, na sequência da explosão de suplementos na imprensa generalista, de publicações especializadas, acha que o jornalismo de economia é bem feito em Portugal?**

- Posso dizer-lhe que nós éramos meia dúzia, quando acompanhámos a fase final da adesão à CEE. Não foi no século passado, nem há 50 anos. Entretanto, com a explosão de que você fala, abriram-se diversos nichos de mercado.

**A Economia tomou-se imprescindível. Tem espaços na rádio, houve a febre da Bolsa, multiplicam-se as newsletters. É uma moda?..**

- Pronto. Necessariamente, nesse leque muito am-

# ANTÓNIO Perez Metelo



plo, há de tudo. O que me preocupa é que, justamente, como se está a falar do dinheiro das pessoas, cada erro, cada levandade, cada maroteira, cada vigarice, tem uma repercussão social fantástica. Eu fiz uma intervenção no Congresso dos Jornalistas para dizer que deixou de haver uma rede de protecção que havia classicamente nas redacções. Eram os editores, os copy desk, ou pessoal tarimbado, que lia um trabalho de um caloiro, um miúdo com sangue na guelra que acha que descobriu outra vez a pólvora. E já não há. Portanto, eu leio coisas absolutamente inacreditáveis, percebe? E dei dois ou três exemplos, que traduzem prejuízos concretos para quem reage racionalmente aquilo que lê.

**Parece-me de facto grave. A questão deontológica, de que muito se falou no Congresso é aqui particularmente delicada. Um jornalista de economia pode jogar na Bolsa?**

- Directamente não deveria poder. Se escreve sobre Bolsa, não. Aliás não temos que inventar nada, há estatutos profissionais que regulam essa matéria... Não cá.

- Lá fora, pois, mas deveríamos ter. Existe nos países anglo-saxónicos a noção básica de conflito de interesses. Lembra-se daquele célebre caso do equipamento hospitalar, nos tempos da Ministra Leonor Beleza. Como é que uma pessoa que fornece equipamento, no momento seguinte é o comprador? Como é que alguém que na governação decidiu coisas importantes para determinado sector, ao sair é imediatamente convidado para alto quadro de uma empresa dominante desse sector? Algo está mal. Portanto aqui o problema está sempre em advogar em causa própria.

**Então, fica ao critério de cada um?**

- Lá está, não chega! Os santos, como se sabe, são figuras excepcionais, e a humanidade não é feita de santos mas de pecadores. Por alguma razão há regras claras nessa matéria lá fora, e eu sou partidário que se introduzam rapidamente essa regras no nosso país. **No seio do jornalismo ou das instituições económicas?**

- Fez-me a pergunta quanto à relação dos jornalistas com a Bolsa. Mas o problema que eu verberei no Congresso, é ainda mais grave. São os falsos jornalistas, os travestidos de jornalistas, avençados de interesses.

**No Congresso houve posições mais e menos fundamentalistas. Parece-lhe que isso deva ser escrito num documento? Defende a criação de uma Ordem?**

- Nós temos um código deontológico...

**Que não é vinculativo.**

- Pois, mas o que é a nossa profissão? Nós somos mediadores! Se nos pomos a jogar o jogo estamos a fazer batota. Se estivemos avençados de qualquer interesse, económico, político, clandestinamente, isso não vale. E eu tenho assumido publicamente posições. Você pode dizer-me que estou mais próximo deste partido do daquele. Pois estou! Não quero vender gato por lebre a ninguém. Agora o problema é eu fingir que não tenho ideia nenhuma, e aproveitar o acesso que tenho àquele estúdio para dizer aquilo que os que me pagam querem que eu diga.

**E existem muitas situações dessas?**

- Não faço ideia. Mas para mim a pessoa livre é aquela que não deve favores a ninguém. E, se acho que uma pessoa nunca será totalmente imparcial - há uma lenda muito bonita que diz que a verdade era um espelho que caiu ao chão e se partiu em mil bocados. Andamos a apanhar bocadinhos, nunca ninguém con-

seguiu compôr o espelho todo - e é isso! É o que temos de tentar fazer, e não fazer batota. Aqui e noutros mercados. O insider trading, o abuso de informação privilegiada, é um crime qualificado.

**Da sua vida, sabe-se pouco. É casado, tem uma filha, vive em Lisboa. Do que é que gosta, quando não anda à volta dos números?**

- Gosto de tanta coisa! Adoro a minha tribo, a Teresa, os meus dois enteados, estou a tirar um curso de mergulho... Gosto muito de música, de dançar, de teatro.

**O teatro é um dos seus sonhos desmanchados?**

- É um filão a explorar, mas nunca podemos fazer tudo na vida... Há um lado histórico no trabalho em televisão, que me agrada e preenche muito.

**A entrada no Euro é um passo bom, ou muito grave?**

- Só um eurotonto é que pode achar que isto é o melhor dos mundos. Nunca o será. Eu acho que isto significa um bocadinho acrescidas dificuldades.

**Então é o chamado europessimista?**

- Não, não. Sou muito optimista no sentido em que este caminho nos obriga constantemente a ser melhores. Mas repare que as mudanças que nos são pedidas são a uma tal velocidade, que um corpo social nunca se mexe tão rapidamente.

**Pois, porque temos crescido tanto, a nossa economia é tão elogiada de há três anos para cá, onde é que vamos parar? Sabendo que temos um atraso social de pelos menos 30 anos em relação aos mais desenvolvidos?**

- Bom isto vai parar como sempre acontece em economia quando se cresce muito: na próxima recessão. **Está próxima?**

O meu segredo foi ter descoberto uma verdade de La Palisse: que do outro lado daquela máquina estão centenas de milhares, para não dizer milhões. E não pressupor que esses milhões têm obrigação de perceber, ou que têm a formação que nós tivemos.

- Eu acho que não. Mas quem disser o contrário, o político que prometer, e já ouvi dizer que tinha acabado o apertar do cinto para os portugueses, está a enganá-los. **Explique lá.**

- Porque é da essência deste sistema que as coisas não crescem de maneira uniforme. O problema agora é, agora que já não temos certos truques que podíamos usar, como desvalorizar a moeda, se não formos melhores, o não ser suficientemente bom paga-se com desemprego, e com fecho de empresas. Que já não se aguentam neste balanço. E isto deixou de ser um problema de governos.

**Há uma frase de Ferreira do Amaral que diz que Estado se transforma numa mera Junta de Freguesia. Isto não tem consequências políticas e sociais graves?**

- Terá. Mas não são graves, são óptimas. Julgo que a prazo caminhamos para uma Europa Federal, que quem me dera que existisse.

**Mas qual é conselho a dar? Nós, que somos um país pequenino, pobrezinho e atrasado, estamos no pelotão chique da união Europeia, o que é no mínimo paradoxal. Quando a esmola é muita o pobre desconfia... É de desconfiar?**

- A questão é esta. Nós estamos num condomínio. Temos um T2 nas Olaias, os alemães têm um chalé enorme. Mas nós temos o T2. O essencial é que nós mostrámos aos alemães e aos outros, que vivem melhor que nós, que arrumámos a nossa casa! Que somos limpinhos, somos bons vizinhos, não deixamos o lixo pela janela... e eles aceitaram-nos num condomínio. Mas, por esse simples facto, não conseguimos passar automaticamente do T2 para o Chalé! Agora, somos respeitáveis, nesse sentido de que sabemos tra-

tar da nossa casa. Mas só quando soubermos criar mais riqueza, dentro de cada unidade onde se cria riqueza neste país, é que nos podemos ir aproximando do chalé. E isso para mim é uma tarefa, pelo menos de uma geração, se não mais.

**E isso não é falso, inflacionado de alguma forma?**

- Isso é super real, porque os mercados não brincam em serviço! E o teste máximo. Ninguém diria, não há 10, mas há dois anos atrás.

**Porquê essa surpresa?**

- Porque todos lhe diriam que os mercados manteriam uma enorme desconfiança sobre a nossa capacidade de nos disciplinar, e portanto teríamos sempre de pagar um preço adicional por essa desconfiança. Ora estando nós no tal condomínio ninguém desconfia de nós. E é o que eu acho bonito dizer às pessoas, leiam os jornais, descortinem o que está por trás desta taxa de juro de 4.22%! Não é a minha opinião, está escarapachado diariamente nos jornais, é preciso é saber ler.

**Qual foi o segredo disto? A disciplina?**

- Sim, e a capacidade de demonstrar aos que se relacionam economicamente connosco que é possível de uma forma continuada, que já vem de 7 ou 8 anos a esta parte, internamente controlar a subida dos preços, disciplinar as contas do Estado, diminuir a canga da dívida, e portanto, criar uma relação harmónica de determinada grandezas, de tal forma que se abre um espaço para fazer negócios, com maior facilidade. É todo um conjunto, uma espiral positiva, que nos é neste momento favorável. Se soubermos trabalhar cada vez melhor, podemos tirar um imenso partido por muitos e bons anos deste enorme impulso que é o euro. O euro facilita os negócios.

**A quem? Aos governos ou ao tecido empresarial?**

- A tudo. Há uma decisão política importante, que é tomado pelo partido que está no poder, o PSD, quando se estabelecem em Maastricht as condições para a união económica e monetária. Varnos entrar no euro porque temos vantagem em estar nesse grupo logo à partida, pois o esforço adicional para depois apanhar o comboio é maior.

**Mesmo que se percam as eleições. Na sua opinião, foi por isso?**

- Não, não foi. Na minha opinião, foi porque houve um desgaste político. O Governo estava paralisado, havia uma meia tinta e os portugueses perceberam que aquela solução estava esgotada, ao fim de 10 anos. E quiseram mudar. E isso também ajudou do ponto de vista de novas expectativas. O novo partido no poder partilhava os mesmos objectivos, este bloco de 80% dos deputados manteve-se coeso, o que é um factor de credibilidade externa extraordinário. Que contrasta dramaticamente com a situação de uma Dinamarca que está partida ao meio. Isto é excelente para todos os que querem fazer negócio connosco.

**É bom termos grupo económicos fortes? Ou mau, muito prosaicamente?**

- Quando eu era estudante, eram a besta negra. Simplesmente, falou numa coisa que é a globalização, fenómeno que nos atira para um funcionamento em rede em todo o globo deste modo de produção, que é triunfante. Com a queda da União Soviética e a involução económica e política na China, a essência deste

sistema está a triunfar em todo o globo. Dentro dessa rede os grandes protagonistas são os grupos. Os grandes.

**São a garantia de estabilidade dos tempos modernos?**

- São. E os nossos são os micro, os pequeninos. Há uma imagem que explica tudo: aquelas crianças que numa festa de anos, são tão pequeninas, que não conseguem atingir o tempo da mesa para chegar aos doces. É preciso crescer para chegar ao tempo da mesa. **No antes do 25 de Abril não eram um mero fantasma. Eles podem conseguir os doces, mas se calhar não somos todos nós a comê-los.**

- Mas aí havia um condicionamento industrial. Esses senhores é que diziam quem podia ou não instalar-se. Funcionávamos em circuito fechado: monopólios, mercados coloniais, termos de troca estabelecidos politicamente, preços artificialmente inflacionados, matérias-primas politicamente deflacionadas.

**E já não corremos esses riscos? Quais podem ser as implicações políticas deste federalismo económico? As mais graves?**

- O pior? E nós não percebermos o importante da cadeia de valor hoje em dia na produção em todo o mundo: a massa cinzenta. A diferenciação. É aquilo que as pessoas inventam para melhorar um produto, para prestar um novo serviço e que é insubstituível. A nossa defesa é fazermos coisas únicas, melhores, diferentes, para servir a nós, e por que não, os chineses, ou sul-americanos. O que esta nova forma de expansão económica nos diz é que é importante funcionar em rede, entrando em parcerias que vão acrescentando valor. E quem ganha é quem mete mais massa cinzenta no produto! Qual é um grande risco nisso, de que se fala e eu também não sei a solução? Quando o dinheiro é uma abstracção porque está desmaterializado, é uma instrução numa tecla de computador, que está sempre a funcionar, porque há mercados abertos as 24 h do dia, há o problema de esta massa enorme se desligar ...

**O efeito de dominó, o crash em cadeia do mundo?**

- Pode criar uma grande instabilidade à economia real. Aos empregos, à vida das pessoas. Porque subiu a um nível que está desregulado porque é supra-nacional, e não há entidade nenhuma que o regule. **Não estamos ainda à mercê de neo-colonialismos, económicos que sejam?**

- A resposta é: estamos à mercê sempre, cada vez mais, mas, não é uma fatalidade. Depende de nós. Temos um conjunto de empresas que vencem lá fora, sectores que se batem taco a taco. Na década de 90 há investimentos, concursos internacionais que estão a ser ganhos por empresas portuguesas, sem favor, sem corrupção...em tudo! Onde funcionam como parceiros. E não como neo-colonizados. Há que de reforçar essa tendência.

**Não é um neoliberalista.**

- Não, não, sou um homem de esquerda, e ser de esquerda é isto: perceber que nem todos conseguem ir a este passo. E que as pessoas não são descartáveis. E se não têm energia para este passo estugado não sejam deitados para a valeta.

**Como avalia este governo?**

- Não estou inteiramente satisfeito. Julgo que vi-

nha munido de um conjunto de ideias suficientemente fortes para nestes dois anos e meio uma série de sectores essenciais terem avançado mais, com propostas mais claras aos eleitores. Compreendo que governar com maioria relativa não é fácil. Mas em sectores vitais acho que este governo não quer abanar o barco. E devia querer.

**O argumento não tem sido a estabilidade a todo o custo por causa do designio nacional chamado euro?**

- Foi o argumento, mas acho que não. Eu não julgo que se possa tirar da cartola uma solução milagrosa para as filas de espera nas operações ou... Mas a questão dos tribunais, deve ser dos maiores factores de restrição do investimento estrangeiro! Se eu fosse investidor estrangeiro e soubesse que qualquer problema que tivesse estava encravado nos tribunais durante 4, 5, 6, anos... pensaria três vezes antes de meter o meu dinheiro aqui. E não vejo melhoras...! Como não vejo na Saúde, o sistema financeiro é preocupante. Aí é que eu estou desiludido. Esperava mais, iniciativa e coragem política.

**Acetaria ser ministro?**

- Para isso é preciso saber fazer política, e eu já me cheguei suficientemente a esse universo para perceber que não tenho muito jeito. Por isso é que sou jornalista e estou muito feliz por continuar a sê-lo. **Fale-me das suas grandes preocupações, dos seus sonhos.**

- Eu tenho um sonho de uma sociedade menos violenta, com maior relacionamento genuíno entre as pessoas, e ao mesmo tempo maior racionalidade. Não são incompatíveis. A minha visão do socialismo é isto. Tem a ver com a ideologia porque a Ciência e a Tecnologia, globalizado que esteja este sistema económico, vai cada vez mais mostrar os limites deste sistema. E se hoje, a grande alavanca motora é o lucro, não creio que seja a mais racional para todo o sempre. Impõe-se um planeamento para preservação de recursos, para resolver problemas globais como as chuvas ácidas, o efeito de estufa. Ou seja, cada vez mais a humanidade vai ter razões materiais na sua vida para se sentir um todo, e para procurar com outros mecanismos que não simplesmente a procura da vantagem particular, imediata, mas mecanismos mais colectivos, mais racionais, de sustentabilidade. Não podemos continuar com 350 milhões de crianças a trabalhar, que isso é hipotecar o futuro. As mulheres não podem continuar a ser espezinhadas e violentadas, em metade e mais um bocadinho da humanidade, etc, etc, etc.

**Vai assistir a isso?**

- Temos de sonhar. Gosto de citar uma canção muito bonita que vem da Comuna de Paris. É uma balada, cantada a acordeão, chamada O Tempo das Cerejas. Nós já nos esquecemos, foi há pouco mais de um século, mas era uma altura em que as pessoas tinham que lutar para poder sobreviver. Alimentar a família. Para não cair para o lado, de cansaço. Para não serem tratadas como farrapos. E no meio disso tudo havia quem imaginasse um tempo das cerejas, e uma vida feliz. Nesse tempo. Esse tempo mantém-se para mim inteiramente vivo. Vai demorar, mas acho que...para lá caminhamos. ■

O coração alegre  
Malta do Mediterrâneo

MALTA  
Delegação Nacional  
do Turismo de Malta

Se desejar receber grátis mais informações sobre Malta, escreva para: Delegação Nacional do Turismo de Malta - Apartado 21217 - 1131 Lisboa Codex ou telefone para o nr. (01) 395 71 21